

Esclerose Lateral Amiotrófica é tema de pesquisas na FMUSP

Terceira doença neurodegenerativa mais prevalente no Brasil, a Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA) atinge indivíduos adultos de diversas faixas etárias, que contam apenas com tratamentos paliativos. O grupo de pesquisas criado pelo Prof. Dr. Gerson Chadi, na Faculdade de Medicina da USP (FMUSP), porém, investiga a doença com uma abordagem translacional, que combina pesquisas genéticas, clínicas e laboratoriais, com um enfoque multidisciplinar. A experiência, que inclui o estudo de células-tronco, representa um avanço no estudo da doença e é considerada passo inicial para a determinação de alvos terapêuticos, que podem ser específicos para cada doente, promovendo no futuro um tratamento nos moldes da medicina personalizada. **Pág. 10**

FMUSP projeta seu futuro

Quais os rumos previstos para o Sistema FMUSP-HC nos próximos anos? Quais suas metas para o futuro? Essas perguntas começaram a ser respondidas em 2010, quando foi realizada a Conferência de Busca do Futuro - FMUSP 2020, um projeto de integração e autoavaliação que contou com a participação de dezenas de integrantes do Sistema e convidados para que, juntos, traçassem diretrizes para os dez anos seguintes.

Passados cinco anos, a comunidade

do Sistema FMUSP-HC voltou a se reunir a fim de recapitular as ações empreendidas e repactuar os compromissos de excelência e desenvolvimento para 2020.

Em 2010, foram definidos os seis principais eixos de atuação previstos. Agora, cada eixo foi associado a três macroações principais, votadas pelos 120 colaboradores desta nova rodada de encontros. Um grupo de trabalho agora definirá como implementar as ações específicas que vão garantir os resultados esperados. **Pág. 8 e 9**

Terapia com animais traz bons resultados aos pacientes do ICESP

Desenvolvido pela psicóloga Regina Célia Rocha e em vigor desde novembro de 2015, a terapia com cães no ICESP, em parceria com a ONG Patas Terapeutas, vem atingindo resultados significativos na convalescença dos pacientes. As visitas acontecem uma vez por mês, quando os animais – devidamente higienizados e vacinados – vão ao encontro de doentes selecionados. O trabalho pode incluir a visita do pet do próprio paciente. **Pág. 11**



Os animais trazem paz e estimulação aos doentes.

■ memórias

“Ninguém sabe que há 20 leitos ocupados no HCFMUSP por pacientes em estado grave por doenças dermatológicas.”

Conheça o Prof. Dr. Evandro Rivitti, professor emérito do Departamento de Dermatologia da FMUSP, na **Pág. 15**

NESTA EDIÇÃO

No Editorial, conheça a biomimética, que se inspira na natureza para inovar. **Pág. 2**

Artigo apresenta as novas diretrizes da Pesquisa Clínica no HCFMUSP. **Pág. 3**

Inovação Tecnológica: a Biomimética

O termo biomimética deriva do grego *bios* (vida) e *mimesis* (imitação) e significa “imitação da vida”, tendo sido criado, em 1997, pela naturalista e divulgadora científica Janine Benyus, autora do livro *Biomimicry: innovation inspired by nature*. A biomimética se interessa pelo planejamento de estruturas e processos específicos inspirados na natureza e que foram resolvidos por organismos vivos e comunidades ecológicas durante bilhões de anos de remendos e ajustes evolutivos, de maneira ótima, eficiente e ecologicamente sustentável.

Benyus envolveu-se em diálogos com cientistas e engenheiros que tentavam compreender como a natureza desenvolveu estruturas específicas e “tecnologias” muito superiores aos projetos humanos. Como os mexilhões produzem uma cola que adere a qualquer coisa dentro da água? Como as aranhas tecem um fio de seda que, pedacinho por pedacinho, é mais forte que o aço? Como essas criaturas fabricam seus “materiais milagrosos” em temperatura ambiente, silenciosamente, e sem quaisquer subprodutos tóxicos?

Em seu livro, ela nos conduz a uma viagem fascinante por numerosos laboratórios e estações de campo, onde equipes interdisciplinares de cientistas e engenheiros analisam a química minuciosa e a estrutura molecular dos complexos materiais da natureza, para usá-los como modelos em projetos humanos. Cientistas da Universidade de Washington estudaram a estrutura molecular e o processo de montagem do liso revestimento interno da concha do abalone, que mostra delicados padrões coloridos e retorcidos e é duro como um prego. Conseguiram

imitar o processo de montagem à temperatura ambiente e criaram um material resistente e transparente que poderia ser o revestimento ideal para os para-brisas de carros elétricos ultraleves.

Pesquisadores alemães imitaram a micro-superfície irregular autolimpante da folha do lótus para produzir uma tinta que fará o mesmo em relação aos edifícios. Biólogos marinhos e bioquímicos analisaram a química ímpar usada pelos mexilhões azuis, que secretam um adesivo que cola sob a água. Eles exploram, agora, aplicações médicas potenciais que permitirão aos cirurgiões criar conexões entre os ligamentos e os tecidos em um ambiente fluido. Físicos se uniram aos bioquímicos em vários laboratórios para examinar as estruturas e os processos complexos da fotossíntese, na esperança de, finalmente, poderem imitá-los, criando novos tipos de células solares.

Benyus enfatiza que as lições mais profundas da bioquímica residem nas maneiras requintadas segundo as quais os organismos se adaptam a seus ambientes e uns aos outros. Para aprender essas lições, ela sugere que deveríamos valorizar a natureza como modelo, medida e mentora. Tomando a natureza como modelo, perguntaríamos: como a natureza faria isso? Utilizá-la como medida significaria também perguntar: o que a natureza não faria? E, respeitando-a como mentora, perguntaríamos: por que isso funciona e como funciona nos detalhes?

O que distingue os praticantes modernos da biomimética de seus antecessores históricos como Leonardo Da Vinci, por exemplo, é o fato de que, hoje, eles analisam e tentam imitar as estruturas e os processos biológicos no micro nível da bioquímica e da biologia molecular, e às

vezes até mesmo no nano nível de átomos e moléculas individuais. Nesses níveis, é evidente que há uma diferença crítica entre os processos de fabricação humanos, que são barulhentos, fazem uso intensivo de energia e frequentemente geram resíduos tóxicos, daqueles dos organismos vivos que produzem, silenciosamente, materiais de qualidade superior, à temperatura ambiente e sem resíduos.

Plantas, animais e microrganismos realizam suas façanhas com a ajuda de uma ampla variedade de proteínas que, até recentemente, não desempenhavam nenhum papel em tecnologias humanas. No entanto, a genética humana nos fornece, agora, as ferramentas para criar novos tipos de biotecnologia, radicalmente diferentes de tudo o que já foi visto, motivadas pelo desejo de aprender com a natureza em vez de controlá-la, utilizando-a como mentora e não meramente como fonte de matéria primária.

O desenvolvimento dessas novas biotecnologias será um desafio intelectual tremendo e não envolveria modificar geneticamente os organismos vivos. Em vez disso, utilizaria as técnicas de engenharia genética para compreender os sutis “planejamentos” da natureza e usá-los como modelo para novas tecnologias humanas, produzindo proteínas adequadas, com a ajuda de enzimas fornecidas por organismos vivos.

Aderir a esse grande movimento do planejamento ecológico, por meio da biomimética, será muito promissor, também, para avanços na medicina. Convém se apressar!

Prof. Dr. Yassuhiko Okay
Professor Emérito da FMUSP
Vice-Diretor Geral da FFM

EXPEDIENTE

Jornal da FFM

Publicação bimestral da Fundação Faculdade de Medicina www.ffm.br
 Av. Rebouças, 381 - 4º andar
 CEP 05401-000 São Paulo, SP
 Tel. (11) 3016-4948
 Fax (11) 3016-4953
 E-mail contato@ffm.br

Conselho Editorial

Prof. Dr. Flavio Fava de Moraes
 Prof. Dr. Yassuhiko Okay
 Angela Porchat Forbes
 Arcênio Rodrigues da Silva

Os artigos assinados publicados neste informativo não refletem necessariamente a opinião da Fundação Faculdade de Medicina e são da responsabilidade de seus autores. Cartas e sugestões para o Jornal da FFM devem ser enviados para ggpp@ffm.br

Expediente

Diretor Responsável
 Prof. Dr. Flavio Fava de Moraes
 Jornalista Responsável
 Lizandra Magon de Almeida (MTB 23.006)
 Tiragem: 4.600 exemplares

Edição

Pólen Editorial
 (11) 3675-6077
polen@poleneditorial.com.br

Pontos estratégicos na gestão institucional da Pesquisa Clínica no Complexo HCFMUSP

O Dia Internacional da Pesquisa Clínica, comemorado em 20 de maio, celebra a data em que James Lind, em 1747, iniciou seus estudos para determinar a causa do escorbuto. Este foi o primeiro estudo clínico controlado registrado na medicina moderna. Desde então, houve um avanço significativo nas questões bioéticas, regulatórias, metodológicas e operacionais que regem a Pesquisa Clínica no cenário internacional e nacional. A área de Pesquisa Clínica tornou-se cada vez mais complexa e multidisciplinar, tendo como característica a necessidade de constante evolução e atualização de processos, pois atua na vanguarda do conhecimento, tecnologia e inovação.

O Complexo HCFMUSP está entre os maiores centros de Pesquisa da América Latina, onde, em média, 1 mil projetos relacionados a Pesquisa Clínica são submetidos por ano para análise do Comitê de Ética. A demanda crescente de Pesquisa Clínica no Complexo HCFMUSP comprova que, apesar do lento trâmite regulatório e operacional, nossa Instituição é reconhecida como centro de Pesquisa Clínica de excelência, com inúmeros investigadores considerados líderes de opinião.

Na verdade, o potencial do Complexo HCFMUSP em Pesquisa Clínica ainda está subdimensionado. Existe um grande potencial de crescimento nesta área estratégica de pesquisa, que se alinha na transferência do conhecimento da pesquisa básica para o aperfeiçoamento e a criação de novos métodos para prevenir, diagnosticar e tratar doenças, caracterizando a Medicina Translacional ou Medicina de Tradução. Permite a avaliação de novas drogas, de novos tratamentos, de novas vacinas, além de um maior entendimento sobre as doenças e sobre o comportamento da população, o que se reflete em benefício para

os pacientes e para a sociedade. É considerada, assim, o principal instrumento para validar inovação no setor de saúde. Deve ser ressaltado ainda o importante papel da Pesquisa Clínica na formação de recursos humanos, além do papel formativo do método científico na educação médica e sua sólida vinculação à Pós-Graduação. Importante ressaltar também a Pesquisa Clínica como setor de geração de recursos financeiros, que viabiliza investimentos na área.

Nova abordagem institucional

Com o objetivo de fortalecer as ações da Pesquisa Clínica na nossa Instituição, a Diretoria Clínica do HCFMUSP reestruturou seu núcleo de Pesquisa Clínica, criando um Escritório de apoio e facilitação dedicado à Pesquisa Clínica. O EPeClin (Escritório de Pesquisa Clínica) terá como objetivo gerar ações multidisciplinares que promovam o incentivo, o desenvolvimento e a integração da Pesquisa Clínica na Instituição, contribuindo para o estabelecimento de diretrizes comuns à prática de Pesquisa Clínica na Instituição.

O EPeClin está constituído atualmente por um Coordenador (Prof^a Dr^a Irene Noronha), um Supervisor de Pesquisa Clínica (Dr. Luis Martinez), que possui Mestrado, Doutorado e Pós-doutorado em Farmacologia pela USP e sólida experiência em Pesquisa Clínica e um assistente administrativo.

Um dos principais desafios do EPeClin é contribuir para uma maior agilidade dos fluxos internos regulatórios e jurídicos, colocando, assim, a Instituição em posição altamente competitiva e de liderança na coordenação de pesquisas clínicas. Assim, o EPeClin oferecerá aos pesquisadores consultoria estratégica para a avaliação de oportunidades, capta-



A Coordenadora do EPeClin, Prof^a Dr^a Irene Noronha, e o Supervisor de Pesquisa Clínica, Dr. Luis Martinez

ção de recursos financeiros e patrocínios, estudos de viabilidade além de suporte na negociação de contratos e nas questões bioéticas e regulatórias relacionadas à Pesquisa Clínica, seja esta pesquisa patrocinada pela iniciativa privada, por agências públicas de fomento ou por estudos de iniciativa do Investigador.

Em ações integradas com a Fundação Faculdade de Medicina (FFM), especialmente com a Gerência Geral de Projetos e Pesquisas (GGPP-FFM) e Consultoria Jurídica (CJ-FFM), o EPeClin terá participação ativa emitindo pareceres técnicos e acompanhando fluxo, tramitação e aprovação de contratos e bolsas de pesquisa clínica, no cumprimento aos requisitos e normas institucionais que regulamentam este tema. Entre as ações implementadas está a aplicação de overhead institucional nos contratos de Pesquisa Clínica, que permitirá a captação de recursos financeiros que serão investidos na sustentabilidade da infraestrutura de Pesquisa Clínica da Instituição.

Prof^a Dr^a Irene Noronha

Coordenadora do Escritório de Pesquisa Clínica (EPeClin) do HCFMUSP

■ notícias

NADI comemora 20 anos de desospitalização, modelo pioneiro que hoje é referência nacional

O Núcleo de Assistência Domiciliar Interdisciplinar (NADI) do Instituto Central do Hospital das Clínicas da FMUSP (ICHCFMUSP) completa 20 anos de pioneirismo no tratamento de pacientes no ambiente domiciliar. São, em sua maioria, idosos com doenças ou sequelas graves que os impossibilitam de comparecer ao hospital. As comemorações aconteceram no dia 23 de junho, no Centro de Convenções Rebouças (CCR).

Segundo Dr. Fábio Leonel, médico coordenador do NADI, o modelo de assistência implantado quebrou o conceito de hospital como único espaço de cuidado, ampliou o atendimento com qualidade para o domicílio do paciente e se tornou referência nacional.

Hoje, o Núcleo beneficia mais de 120 pacientes/mês do ICHC. Equipes interdisciplinares, compostas por médicos, enfermeiros, assistentes sociais, psicólogos, nutricionistas, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, cirurgiões dentistas e

farmacêuticos realizam, em média, seis visitas diárias para garantir qualidade de vida aos doentes. Ao longo dos 20 anos, foram mais de 20 mil visitas, com cerca 1,2 mil pacientes e suas famílias assistidas pelo núcleo.

Dos pacientes em atendimento, explica Dr. Fábio Leonel, 66% encontram-se em abordagem de cuidados paliativos exclusivos, segundo critérios de National Hospice Organization, o que exige um plano terapêutico que contemple maior número de visitas e atenção permanente e possibilite a redução de internações hospitalares e procuras frequentes ao pronto-socorro.

Os pacientes recebem os cuidados, em sua maioria, de seus familiares, filhos ou cônjuges, do sexo feminino, com média de idade de 62 anos. “São idosos cuidando de idosos, o que demanda uma compreensão e acolhimento especializados”, salienta o médico.

Atualmente, o NADI conta com 15 profissionais fixos e mais de uma dezena

de colaboradores. “O caráter interdisciplinar imprime à assistência um cuidado integralizado, caracterizado por ações compartilhadas que auxiliam de forma direta e efetiva o processo de reabilitação do paciente, o cuidado e o monitoramento do doente crônico e a atenção especializada àqueles fora da possibilidade de cura”, completa.

Ensino e Pesquisa

Em paralelo à assistência, o Núcleo, sob coordenação geral do Prof. Dr. Wilson Jacob Filho, titular do Serviço de Geriatria, se constitui em um importante espaço de aprendizado, especialização e formação para Residência Multiprofissional e Aprimoramento, contemplando profissionais das diferentes áreas da saúde, em uma proposta efetivamente interdisciplinar. Durante o ano, são mais de 80 residentes médicos dos serviços de Clínica Médica, Geriatria e Cuidados Paliativos, além de residentes e aprimorandos da equipe multiprofissional.

FMUSP recebe o novo Ministro da Saúde Ricardo Barros em sua primeira visita oficial

O ministro da Saúde Ricardo Barros fez sua primeira visita oficial logo após empossado à Faculdade de Medicina da USP, onde se reuniu com professores, médicos e alunos para discutir perspectivas para a área de Saúde. A visita aconteceu no dia 16 de maio e contou com a presença do reitor da Universidade de São Paulo, Prof. Dr. Marco Antonio Zago; do Secretário de Estado da Saúde, Prof. Dr. David Uip; da Secretária de Estado do Direito da Pessoa com Deficiência, Profª Linamara Battistella; do Diretor da FMUSP, Prof. Dr. José Otavio Costa Auler Jr.; e do

Presidente do Conselho Diretor do Instituto do Coração do HCFMUSP, Prof. Roberto Kalil.

O ministro apresentou as prioridades de sua gestão e a intenção de aperfeiçoar os sistemas de controle e tecnologia da informação do Sistema Único de Saúde (SUS) a fim de melhor controlar a aplicação dos recursos e de ampliar a transparência.



Da esq. para dir., Secretário de Estado da Saúde Prof. Dr. David Uip, Ministro da Saúde Ricardo Barros e Diretor da FMUSP Prof. Dr. José Otavio Costa Auler

Doutorado em reumatologia pediátrica é premiado em congresso na Inglaterra

O ineditismo e a importância do trabalho apresentado pela Dra. Maria Fernanda Goulart, da Unidade de Reumatologia Pediátrica do Instituto da Criança (ICr-HCFMUSP) foram reconhecidos no Congresso Anual da Liga Europeia contra Doenças Reumáticas (EULAR 2016), realizado em Londres em junho. O trabalho é resultado da pesquisa de doutorado da pesquisadora, que demonstra, pela primeira vez, que a exposição ao ar poluído pode ter uma influência direta na doença reumática, bem como na inflamação das vias respiratórias, em crianças com lúpus eritematoso sistêmico (cLES).

Ao longo de um ano, nove crianças e adolescentes com lúpus, moradores da Região Metropolitana de São Paulo, foram avaliados por um grupo de pesquisadores do Instituto da Criança do Hospital das Clínicas da FMUSP (ICr-HCFMUSP), com o objetivo de investigar a associação entre parâmetros de inflamação pulmonar e a exposição à poluição do ar composta pelo material particulado fino (PM_{2,5}) e dióxido de nitrogênio (NO₂).

Este é o primeiro estudo prospectivo que avaliou a exposição à poluição individual usando monitores portáteis em crianças com lúpus eritematoso sistêmico de início na infância.

Durante o estudo, foram coletadas 108 amostras de fração da concentração de óxido nítrico (FeNO), a concentração de ar exalado (pH EBC), respectivos biomarcadores pulmonares relacionados em estudos prévios com inflamação pulmonar e parâmetros de atividade de doença (SLEDAI-2K).

Estudos anteriores já haviam demonstrado que a exposição à poluição do ar estava associada a um aumento de internamentos hospitalares relacionados a doenças reumáticas infantis, explica a Dra. Maria Fernanda Goulart,

bem como a um risco mais elevado de atividade da doença nos pacientes que tinham lúpus desde a infância. “Os resultados do estudo demonstram que a poluição do ar não causa apenas doença pulmonar crônica e infecções respiratórias agudas, câncer do pulmão, problemas no coração e acidente vascular cerebral, mas também contribui para o desenvolvimento de doenças reumáticas, como o lúpus”, afirma. “Com o aumento da poluição do ar em grandes metrópoles, pode ocorrer um aumento na atividade da doença nesses pacientes”, acrescenta.

Poluição do ar: um problema de saúde pública no mundo todo

O trabalho concluiu que as crianças e adolescentes foram expostos a uma média na concentração diária de material particulado fino de 40,9 µg/m³, acima do recomendado pela Organização Mundial da Saúde, que é 25 µg/m³. Foi observado o aumento de FeNO relacionado com material particulado fino nos primeiros três dias após a exposição e também na concentração cumulativa de 7 dias de NO₂, sugerindo que a in-

flamação das vias aéreas podem ser relacionados com a poluição do ar nesses pacientes.

A poluição do ar é um grave problema de saúde no Brasil, sendo responsável pela morte de 49 mil pessoas por ano, como consequência de complicações respiratórias, cardiovasculares e câncer. Um em cada 26 casos de morte no Brasil está relacionado com a poluição do ar dentro e fora de casa.

A pesquisa aponta que a implementação de políticas públicas adequadas, a fim de melhorar a qualidade do ar nos centros urbanos, deve ser feita para minimizar os riscos da atividade da doença em crianças com lúpus eritematoso sistêmico expostas à poluição da cidade de São Paulo.

A Organização Mundial de Saúde estima que uma em cada oito mortes no mundo resulta da exposição à poluição do ar – confirmando a poluição do ar como o maior risco ambiental para a saúde. Em cidades com muito trânsito, onde o ar apresenta geralmente menor qualidade, a expectativa média de vida das pessoas pode diminuir em mais de dois anos devido ao problema.

Sobre a EULAR

A Liga Europeia contra as Doenças Reumáticas (EULAR) é uma organização que representa sociedades científicas, associações de profissionais de saúde e organizações de pessoas com doenças reumáticas na Europa. Seu objetivo é promover, estimular e apoiar a pesquisa, a prevenção e o tratamento das doenças reumáticas, bem como a reabilitação de quem é afetado por elas. Conta com o apoio de

mais de 45 sociedades científicas, 36 organizações de pessoas com Artrite/Doenças Reumáticas na Europa, 22 associações de profissionais de saúde e 23 membros corporativos. Seu Congresso Anual de Reumatologia é a principal reunião médica internacional da especialidade, apresentando as mais recentes investigações sobre doenças reumáticas e músculo-esqueléticas.

LIM 44 inaugura novas instalações dedicadas à pesquisa do cérebro e ao Projeto PISA

No dia 8 de junho, foram inauguradas as novas instalações do LIM-44 – Laboratório de Ressonância Magnética em Neurorradiologia do Departamento de Radiologia da FMUSP. Localizado no 4º andar da FMUSP, o LIM-44 se dedica a pesquisas avançadas sobre o cérebro e ao Projeto PISA (Plataforma de Imagem na Sala de Autópsia), com atuação interdisciplinar.

Estiveram presentes o Diretor da FMUSP, Prof. Dr. José Otávio Costa Auler Junior; o Superintendente do HC-FMUSP, Engº Antonio José Rodrigues Pereira; o Presidente do Conselho Diretor do Instituto de Radiologia (InRad) e Professor Titular do Depto. de Radiologia e Oncologia da FMUSP, Prof. Dr. Giovanni Guido Cerri; o Coordenador do LIM-44, Prof. Edson Amaro Jr.; a Chefe do Departamento de Radiologia da FMUSP e Membro do Conselho Diretor do InRad, Profª Claudia da Costa Leite; a Diretora Executiva do InRad, Dra. Marisa Madi Della Colleta, e o Prof. Dr. Helmut Heinsen, da Universidade de

Wurzburg e professor visitante da USP no Projeto PISA.

Para o professor convidado, o novo laboratório tem importância crucial para a execução do Projeto, que desenvolve uma pesquisa avançada sobre o cérebro e também se prepara para realizar autópsias virtuais com o uso de equipamentos de diagnóstico por imagem. O trabalho é interdisciplinar e funciona

em parceria com áreas como Patologia, Engenharia e com o Serviço de Verificação de Óbitos da Capital. “Com este laboratório, acreditamos que podemos estender essa colaboração para um nível completamente diferente. O papel da Universidade é coletar dados, gerar e passar conhecimento para a sociedade. Certamente, pesquisadores de outras nações virão aprender conosco e todos nós iremos nos beneficiar”, concluiu.



Da esq. para dir., Prof. Dr. Giovanni G. Cerri, Prof. Dr. Edson Amaro, Prof. Helmut Heinsen, Profª Drª Claudia da Costa Leite e Engº Antonio José Rodrigues Pereira

Além do Prof. Heinsen, o Projeto PISA também conta com pesquisadores dos Estados Unidos e Israel, que participam do desenvolvimento das técnicas que vão permitir a análise post-mortem por tomografia computadorizada não só para a identificação de doenças e causas mortis, mas para o avanço do estudo dessas doenças. Confira mais detalhes sobre o projeto em <http://www.inrad.hc-net.usp.br/pisa/>.

Pesquisa sobre câncer colorretal estuda 16 mil pessoas

Mais de 16 mil pessoas, homens e mulheres, com idades entre 50 e 75 anos, estão sendo recrutadas na Zona Leste de São Paulo para uma grande pesquisa sobre câncer colorretal que começa a ser desenvolvida por pesquisadores da área de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP). À frente do estudo está o Prof. Dr. José Eluf Neto, professor titular do Departamento.

A pesquisa envolve a organização social Atenção Primária à Saúde (APS) Santa Marcelina, responsável pela gestão de Unidades Básicas de Saúde da rede municipal na Zona Leste. Intitulado “Rastreamento de Câncer Colorretal”, o estudo também envolve a Fundação

Oncocentro de São Paulo, e conta com a participação do Hospital das Clínicas da FMUSP e do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (ICESP).

O câncer colorretal é o terceiro tipo de câncer mais comum no País, e o segundo no Estado de São Paulo. Anualmente, cerca de 18 mil pessoas morrem vítimas do problema, que atinge o intestino grosso e afeta principalmente pessoas acima dos 50 anos. Quando detectado precocemente, antes de se espalhar para outros órgãos, é um tipo de câncer tratável, que se manifesta inicialmente com tumores benignos e pólipos que podem ser retirados cirurgicamente.

Ao acompanhar cerca de 16 mil pessoas, o estudo tem como objetivo ava-

liar a possibilidade da implantação de um sistema de rastreamento da doença como política pública em São Paulo, a fim de contribuir com o planejamento de uma política de detecção precoce dos casos de câncer colorretal.

Os integrantes do estudo responderão um breve questionário e receberão kits para coleta de amostras de fezes, visando a detecção de sangue oculto. Em caso positivo, serão encaminhados para exame específico de colonoscopia no HCFMUSP e, nos casos comprovados, para tratamento no ICESP.

O projeto foi apresentado publicamente pela equipe no dia 9 de junho, na UBS Parque Santa Rita, próxima ao Itaim Paulista.

■ projeto

Cursos de formação em atendimento de emergências é referência no Brasil

A Disciplina de Cirurgia Geral e Trauma da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP) oferece em seu Hospital das Clínicas (HCFMUSP) uma série de cursos voltados para o atendimento qualificado de emergências que se tornou referência em todo o país.

Os cursos de Advanced Trauma Life Support (ATLS), ou Suporte à Vida Avançado em Trauma, se baseiam nos originais desenvolvidos pelo Colégio Americano de Cirurgiões, criados na década de 1980. Tudo começou quando o cirurgião ortopédico Dr. Jim Styner sofreu um acidente com seu avião particular, no qual voava com toda a sua família. Ao ser atendido em campo aberto, onde o avião tinha caído, ele notou que a equipe de resgate não tinha treinamento suficiente para avaliar a situação e tomar as medidas necessárias para evitar complicações e garantir o transporte seguro até o hospital mais próximo. Ele propôs então à Sociedade Americana de Ortopedia que fosse criado um atendimento padronizado para o trauma, e essa iniciativa deu origem aos diversos treinamentos que hoje são oferecidos em todo o mundo, e também no HCFMUSP. Depois, o treinamento ATLS passou a ser oferecido pelo American College of Surgeons, e posteriormente também chegou à área de Cardiologia.

“No curso de Medicina, aprendemos todos os conceitos separados, em cada uma das disciplinas. Esses cursos reúnem tudo em um único treinamento, visando a situações extremas. A quantidade de politraumatizados atendidos em hospitais normalmente é pequena. Portanto, se os profissionais que atendem esses pacientes não forem bem treinados, certamente deixarão passar questões importantes”, explica o Prof. Dr. Francisco de Salles Collet e Silva, responsável pelos cursos.

A ideia foi trazida pelo Prof. Dr. Da-

rio Birolini, professor titular anterior da Disciplina que hoje é dirigida pelo Prof. Dr. Edivaldo M. Utiyama.

Os cursos de ATLS são oferecidos a 16 alunos, todos médicos, durante dois

AGNALDO DIAS/HCFMUSP



Alunos da FMUSP participam de treinamento especializado em manequins

dias de programação intensa teórica e prática, ao longo de 12 horas por dia. Conforme a demanda, são organizados dois ou três cursos por mês no HCFMUSP, que hoje é o maior núcleo do Brasil. “Atualmente, o curso conta com simuladores e manequins, que facilitam o aprendizado e evitam o uso de animais, como era feito anteriormente. Também são criados cenários com atores que simulam situações de trauma, para que os alunos possam ser avaliados também na prática”, continua.

Abrangência multiprofissional

O núcleo responsável pelos cursos também oferece o PHTLS, curso de atendimento pré-hospitalar voltado a médicos, enfermeiros e socorristas. Também teórico-prático, o curso aborda técnicas de retirada e transporte de pacientes e de reanimação. Dentro do curso de Medicina da FMUSP, os alunos do 6º ano contam com o curso intitulado TEAM (Trauma Evaluation and Management, nome original que pode ser tradu-

zido como Avaliação e Atendimento de Trauma). “Também é um curso baseado nos padrões internacionais, mas mais teórico e curto, com cenários, que tem como objetivo preparar os alunos para trabalhar em equipe”, explica o Prof. Dr. Francisco.

Complementarmente ao ATLS, é realizado o ATCM, curso dedicado especialmente aos enfermeiros, que assistem às mesmas aulas teóricas e depois desenvolvem o trabalho específico prático em separado. De

maneira esporádica, o núcleo também oferece cursos específicos para o atendimento de múltiplos chamados e gerenciamento de crise, que ensina, por exemplo, como deve ser feita a triagem dos doentes em casos de grandes tragédias naturais como terremotos e enchentes ou acidentes, como a queda de um avião.

Os cursos têm suas inscrições e organização administradas pela Fundação Faculdade de Medicina (FFM), que também garante o fornecimento dos equipamentos e o pagamento dos envolvidos. Por utilizarem equipamentos de ponta e uma grande quantidade de profissionais das mais diversas formações, os cursos costumam ser onerosos.

Entretanto, são fundamentais para garantir a segurança do paciente traumatizado em todo o processo de resgate e tratamento. “Hoje o HCFMUSP está preparado para enfrentar qualquer tipo de catástrofe e também para treinar profissionais de todo o Brasil para adquirir as habilidades necessárias para isso”, analisa o responsável.

Sistema FMUSP-HC afina sua proposta de excelência para 2020

Cinco anos após a Conferência de Busca do Futuro FMUSP 2020, 120 membros do Sistema FMUSP-HC – incluindo docentes, alunos, gestores, colaboradores e convidados – renovam o pacto que pretende tornar a Instituição ainda mais qualificada e com grande destaque no cenário internacional

Em 2010, o Sistema FMUSP-HC instituiu um processo inédito de autoavaliação, a fim de traçar as diretrizes para o futuro da Instituição de forma participativa e integrada, levando em conta a imensa diversidade de vozes presentes na Instituição – a Conferência de Busca do Futuro FMUSP 2020.

Naquela ocasião, foram realizados diversos encontros para estabelecer os eixos estratégicos de trabalho. A partir de uma série de encontros com pessoas envolvidas em todos os níveis da Instituição e também convidados externos, ficaram estabelecidas, então, as áreas de humanização, excelência no ensino, internacionalização, integração, inovação tecnológica e sustentabilidade.

Cinco anos depois, a Instituição percebeu a necessidade de uma “parada para tomada de consciência” – uma reavaliação em função da realidade atual local, brasileira e mundial – e a repactuação com todos os envolvidos de ações a serem efetivamente implantadas a partir de agora, para que em 2020 sejam colhidos os frutos das sementes plantadas em 2010.

Em maio último, foi realizada uma conferência com a participação de 120 colaboradores das mais diversas áreas, especialidades e hierarquias, distribuídos em 12 mesas, das quais duas eram compostas de convidados externos, da USP e de outras universidades, hospitais, empresas etc. Os participantes então ajustaram as macroações e, coletivamente, revalidaram as prioridades, elencando as três principais macroações

de cada eixo, a partir de uma votação.

“Inicialmente, os grupos eram heterogêneos, reunindo docentes, profissionais de gestão, alunos, convidados e direção para definir as diretrizes. Agora, alteramos a formação dos grupos, criando subgrupos por pares, ou seja, docentes com docentes, gestores com gestores, e assim por diante, para observar como os pares pensam em relação aos diferentes temas”, explica a consultora Fátima Lisboa, da SolMaior, consultoria contratada para desenvolver o projeto.

em oito diferentes Institutos, com processos totalmente diferentes entre si. O mesmo vale para os pacientes, que não contam com um sistema de prontuário eletrônico que lhes permita ter todas as suas informações concentradas em um único local. Entre os itens mais votados, portanto, está a integração – e uma das maneiras de começar é a implantação de um sistema único de identificação, com crachás padronizados para todo o Complexo. Outra ação seria a implantação do prontuário eletrônico.

Em termos de ensino, a demanda



A Faculdade de Medicina da USP em dois momentos: à esquerda, durante a finalização das obras na década de 1920. À direita, o prédio no final do Projeto de Restauro e Modernização, em 2009.

A partir da votação, ficaram estabelecidas as três ações mais importantes de cada eixo e instituiu-se um fórum permanente que vai trabalhar nas ações práticas necessárias para a implementação dessas ações, a serem apresentadas para o coletivo em agosto próximo.

Entre as prioridades estabelecidas está o mapeamento de processos, para que haja maior integração entre as diferentes áreas de todo o Sistema. São mais de 20 mil colaboradores trabalhando

pela internacionalização é cada vez maior. A troca com Instituições internacionais – tanto com a ida de alunos para programas de estágio e intercâmbio como com a vinda de estudantes estrangeiros – têm sido uma prioridade das últimas gestões da Diretoria da FMUSP e também aparece com força nas votações. O estudo do inglês e até a realização de aulas nesse idioma são algumas das sugestões para melhor preparar alunos e professores para a internacionalização.

No eixo da humanização, um dos problemas detectados foi a dificuldade de comunicação interpessoal e institucional no Sistema. Para abordar a questão, foi proposta a criação de um Laboratório de Habilidades Relacionais, com um forte trabalho de comunicação interpessoal e gestão de conflitos.

O aperfeiçoamento das habilidades de liderança e a capacitação de gestores para as práticas mais modernas de administração também surgiram como demanda.

Em termos de inovação, uma das propostas é promover a capacitação em empreendedorismo em todos os níveis, bem como de tecnologia da informação, o que inclui também a capacitação dos docentes para novos métodos de ensino, visando a criação de espaços mais horizontais de troca entre os envolvidos em cada uma das áreas.

Mais diálogo e respeito às diferenças

Além de todas as mudanças práticas que o projeto pretende implementar, há uma série de aspectos intangíveis que também vem sendo impactados pelo processo desde que começou a ser discutido em 2010. Afinal, os verdadeiros avanços só acontecem quando é possível promover mudanças profundas na cultura da Instituição, sem comprometer a qualidade que a fez chegar até aqui.

Um dos principais objetivos do projeto é valorizar e capacitar o Capital Humano da Instituição, promovendo diálogos sistêmicos constantes que consigam reduzir os degraus hierárquicos, valorizando o senso de propósito associado à missão do Sistema e o protagonismo de cada indivíduo. Dessa forma, é preciso aguçar o sentido da audição e a empatia, para ouvir os diferentes, in-

dependentemente de sua função ou nível hierárquico.

Durante o encontro realizado em maio, era visível a sensação de pertencimento e de compromisso dos participantes com o futuro que está sendo desenhado para a FMUSP.

Agora, é preciso que isso se propague para abranger a totalidade de agentes do Sistema FMUSP-HC. Faz parte do processo tomar consciência de qual o verdadeiro “tamanho” da Instituição e também de seu Capital Humano. Com a escuta aberta, o empoderamento por meio da capacitação e do treinamento, a valorização das relações de confiança, o ambiente de trabalho se torna mais humano e cada indivíduo passa a ter seu propósito pessoal alinhado à Missão que dará ao Sistema FMUSP-HC uma posição ainda de maior destaque no cenário nacional e internacional.

Macroações para os próximos cinco anos

As três ações mais votadas em cada um dos seis eixos estabelecidos pelo FMUSP 2020

sustentabilidade	internacionalização	integração	inovação tecnológica	humanização	excelência no ensino
Potencializar doações: melhorar processos para receber e aplicar doações	Parceria com instituições internacionais e garantia do reconhecimento dos intercâmbios	Melhoria da comunicação e TI: implantação de crachá único e prontuário eletrônico dos pacientes	Criação de centro de comunicação voltado à inovação e TI	Educação interdisciplinar para melhoria da noção de humanização nos estudantes de graduação	Criação de laboratório de habilidades relacionais, voltado à melhoria dos processos de comunicação
Reduzir desperdícios: padronização de processos assistenciais e de apoio	Desburocratização para obtenção de dupla titulação	Integração dos processos a partir de benchmarking interno	Conclusão, validação e implementação do Pólo de Inovação em Saúde no Sistema FMUSPHC	Investimento na melhoria dos ambientes de atendimento aos pacientes, criando locais mais agradáveis	Implantação do novo currículo de graduação e construção do edifício didático
Foco no paciente: revisão de processos e da gestão de recursos	Capacitação dos pesquisadores para aplicação a financiamentos por agências internacionais	Melhoria dos processos de comunicação interna	Melhoria da infraestrutura física e técnica voltada à inovação	Discussão de casos clínicos ligados à humanização por Comissão especializada	Internacionalização da pós-graduação

Grupo de Pesquisa da FMUSP investiga a Esclerose Lateral Amiotrófica

A Esclerose Lateral Amiotrófica, conhecida como ELA, é a terceira doença neurodegenerativa mais prevalente no Brasil, depois das doenças de Alzheimer e Parkinson. A diferença, porém, é que é fatal, apresenta evolução rápida e atinge indivíduos adultos de diversas faixas etárias. Não existe medicamento capaz de reverter o quadro, explica o Prof. Dr. Gerson Chadi, chefe do grupo de estudos de ELA na Faculdade de Medicina da USP (FMUSP).

Especialista em pesquisa sobre Renegeração do Sistema Nervoso Central, que desenvolveu no Instituto Karolinska, na Suécia, e Instituto Neurológico de Montreal, Dr. Chadi recebeu forte influência de Rita Levi-Montalcini, vencedora do Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina. Na FMUSP, implantou a Disciplina de Neurologia Translacional, que reúne uma série de pesquisas complementares sobre o tema. “Não adianta fazer estudos isolados, clínicos, com os pacientes, nos modelos animais ou nos modelos celulares – eles todos precisam interagir, visando a doença humana”, explica.

Para formar esse grupo, foi preciso criar uma estrutura complexa e integrada que contemplasse a pesquisa laboratorial e clínica. Modelos animais, celulares e computacionais são desenvolvidos, como explica o pesquisador, entretanto “o trabalho feito neles tende a limitar-se às restrições que a pesquisa humana em si impõe, mas também as transpor no contexto translacional”. Os desafios metodológicos e éticos são enormes, explica.

A doença não tem tratamento, apenas paliativos, mas a assistência é importante para o controle de sua evolução, o que permite que as intercorrências sejam postergadas, melhorando a qualidade de vida do doente. Os pacientes são atendidos no Ambulatório de Pesquisa em ELA do HCFMUSP e todos passam a fazer parte da pesquisa. “Organizamos um prontuário eletrônico para a coleta de dados e tratamento estatístico, voltado para a pesquisa. A partir daí, cada paciente é encaminhado aos respectivos protocolos de projetos clínicos, clínico-laboratoriais ou apenas laboratoriais.”

É possível então conhecer aspectos clínicos, genéticos, celulares e moleculares que podem dar pistas de como desenvolver um tratamento para a doença. A maioria das pesquisas desenvolvidas no mundo até hoje se baseava nos casos de mutação genética que causam a doença, o que acontece em cerca de 5% deles. A pesquisa do grupo do HCFMUSP, porém, procura analisar a forma esporádica da ELA, responsável por 95% dos casos e muito menos definida. Entre os desdobramentos, está o estudo das células de Schwann que envolvem o nervo motor comprometido do portador da ELA. Elas são retiradas de doentes com ELA e estudadas para descobrir o que acontece aos neurônios motores que morrem na doença. Os efeitos tóxi-

cos das células de Schwann humanas eram estudados, inicialmente, nos neurônios motores do animal e, mais recentemente, nos neurônios motores transformados de pacientes com ELA.

Nesse processo, o grupo trabalha com células-tronco embrionárias induzidas, algo desenvolvido no Japão e que ganhou o Prêmio Nobel em 2012. “Mandamos um aluno nosso ao Japão para aprender a metodologia e depois adaptamos àquilo que é feito no InCor pelo grupo do Prof. Dr. José Eduardo Krieger. Foi perfeito”, explica o Prof. Chadi. “Depois de conseguidas as células-tronco, desenvolvemos, no LIM-45, a metodologia para transformá-las em neurônios motores. Esta foi uma conquista pioneira no território nacional”, explica o Prof. Chadi. Os resultados mostraram que os neurônios dos doentes são diferentes daqueles de indivíduos saudáveis, afirma o professor.

A expectativa agora é a de que seja possível determinar alvos terapêuticos, que podem ser específicos para cada indivíduo, nos moldes da medicina personalizada. Segundo o pesquisador, o uso de neurônios motores do paciente, acoplado à modelagem matemática, é inédito, e garante que a doença humana seja representada.

A pesquisa atraiu a atenção de pacientes e familiares e chegou à sociedade. “Percebemos que seria importante abrir o projeto, pois a ELA é uma doença rara e exige conscientização”, conta. Em 2014, a equipe encabeçou a criação do “Projeto ELA Brasil. A Busca por Soluções” da FMUSP, que tem como objetivo conseguir soluções efetivas à doença humana e colocar o Brasil em posição de destaque no cenário internacional da pesquisa em ELA. O projeto deve durar 10 anos, quando será feito um evento internacional para destacar a contribuição do Brasil. Dentre as ações para o intento, o Projeto estimula a formação de uma Rede Nacional de Pesquisa em ELA e sua internacionalização. “A troca de informações e o trabalho em grupos, do Brasil e do exterior, favorecem a inclusão de novas metodologias e financiamento para pesquisa”, afirma.

O grupo também atua politicamente junto ao Ministério da Saúde e à Comissão Parlamentar Mista de Doenças Raras, no Congresso Nacional. Foram realizadas três audiências públicas sobre a doença, ao lado de associações de pacientes, e um dos resultados foi a institucionalização do Dia Nacional de Luta Contra a ELA pelo Senado, 21 de junho.



Saiba mais sobre o Projeto ELA Brasil no site: www.projeoelabrasil.com.br.

■ contratos e convênios

Animais de estimação colaboram na convalescença de pacientes do ICESP

Em parceria com a ONG Patas Terapeutas, o Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (ICESP) deu início a um plano de terapia com cães.

O projeto acontece mensalmente desde novembro de 2015 e é desenvolvido pela psicóloga Regina Célia Rocha, que possui especialização em processos terapêuticos com animais. “Antes de trazer a proposta, provei cientificamente que a melhora dos pacientes após o contato com os animais é efetiva. Utilizando a escala visual analógica, pacientes que apontavam estado de dor 10 baixam para 1 ou 0 após o contato com os animais.”

Todo mês, os pets são levados ao Instituto e permanecem na área de convívio do andar, que é isolada para a atividade. Para que a visita seja viável, é necessário mobilizar a Comissão de Infecção Hospitalar, além das áreas de Humanização, Enfermagem, Predial e Limpeza. Também é necessária a higienização antes e depois da passagem dos animais. Todos os cães são adestrados e vêm ao Instituto para ter e oferecer uma atividade de lazer junto aos pacientes internados e suas respectivas famílias, que também são convidadas para participar do programa.

Os critérios de escolha dos pacientes são rígidos. Eles não podem ter baixa imunidade, traqueostomia, cateteres centrais, ostomias ou feridas operatórias. A seleção dos participantes – que variam de três a cinco, em média – é realizada um dia antes da chegada nos animais, e a visita dura cerca de uma hora e meia. Todos os pacientes que tiveram contato com os animais são acompanhados periodicamente pela equipe de infectologia e nunca houve problemas decorrentes dos encontros.

Os cães de trabalho são utilizados para melhorar a qualidade de vida do internado sem previsão de alta, ou até

mesmo em fase terminal. “Quando é identificado o desejo do paciente de ver seu próprio animal, também procuramos viabilizar o encontro.”

A Dra. Regina explica que, neste caso, o Instituto realiza o projeto “Visita de Animal de Estimação”, que promove a vinda do próprio pet do paciente. Esse programa já existe desde 2011 e acon-

ter a carteirinha de vacinação em dia.”

As normas explicadas pela Dra. Regina são as mesmas aplicadas aos cachorros de trabalho da ONG Patas Terapeutas. No caso do projeto “Visita de Animal de Estimação” se a família não apresenta os documentos, o paciente não desce para o jardim. Durante todo o tempo, ele permanece na cadeira de

rodas e são protegidas feridas e cateteres. Esse encontro acontece apenas com uma pessoa por vez.

A Dra. Regina conta que um paciente com linfoma, vítima de um AVC, não tinha o movimento do braço havia mais de dois anos, mas quando recebeu seu cachorro, mexeu o braço para acariciá-lo. Além de outras histó-

FOTOS: DIVULGAÇÃO ICESP



Pacientes interagem com os cães da ONG Patas Terapeutas e até com seus próprios cães no ICESP



tece conforme a demanda. Na ocasião, o paciente desce até o jardim do ICESP, que é isolado por bombeiros para receber o animal e a família.

“Precisamos cumprir uma série de processos de higienização. O cachorro tem de vir direto do petshop, e trazer uma declaração veterinária alegando que não é portador de nenhuma doença parasitária, bactérias ou fungos, além de

rias de superação como esta, a visita é importante para que familiares que, até então, não tinham coragem de visitar o paciente, se motivem a partir da visita do cachorro e compareçam ao Instituto.

Fundada em 2012, a ONG Patas Terapeutas promove a terapia com animais em São Paulo e Porto Feliz. Conheça melhor o trabalho realizado no site www.patasterapeutas.org.

■ contratos e convênios

Instituto Lucy Montoro orienta pacientes com deficiência física sobre sexualidade

O Instituto de Reabilitação Lucy Montoro tem conseguido quebrar o gelo ao promover, cada vez mais, a discussão sobre sexo e sexualidade como parte de seu atendimento. O Grupo de Sexualidade e Educação Reprodutiva (SER) reflete o avanço dessa prática, que vem complementar o trabalho já realizado pela Instituição no acompanhamento individual dos pacientes internados para reabilitação. Com encontros semanais, o objetivo é ampliar conhecimento e orientar sobre como as pessoas com deficiência física podem adaptar a atividade sexual para reinserir esse processo em suas vidas.

A iniciativa, que acaba de completar um ano, foi originada e é promovida conjuntamente por três Serviços do Instituto: Médico, Psicológico e Enfermagem. Essas áreas se dividem na apresentação das cinco palestras que compõem a programação: “Promoção e Educação em Saúde Sexual”; “Sexualidade”; “Sexo e Deficiência: como funciona?”; “Paternidade e Maternidade após lesão”; e “Adaptando a Relação Sexual”.

Os conteúdos estão alinhados aos casos tratados pela Instituição: limitações físicas e comprometimento de funções motoras, cognitivas e comportamentais, ocasionadas por lesões encefálicas ou lesões medulares. Logo após a internação, os pacientes são informados sobre as reuniões do Grupo SER e participam voluntariamente, ao lado dos parceiros ou familiares que os acompanham como cuidadores durante o processo de reabilitação.

Trabalho estendido à família

A proposta dos encontros é tratar, de modo genérico, de aspectos fisiológicos, anatômicos e psicológicos que poderiam causar constrangimento se fossem abordados no atendimento individual. “Incentivamos o paciente a se redesco-

brir com suas limitações. Isso vale para trabalho, estudos, relação afetiva, sexo e para constituir família. Mudar essa percepção no parceiro cuidador também faz uma grande diferença”, afirma Priscila Alcântara, gerente de Enfermagem.

O SER tem surtido efeito imediato em quem participa. Segundo Ana Clara Portela Hara, coordenadora do Serviço de Psicologia, durante as visitas posteriores às palestras surgem cada vez mais perguntas dos pacientes relacionadas à própria condição física. No caso das mulheres, um tema frequente é a fertilidade. Entre os homens, predominam questões sobre desempenho sexual. “O grupo tornou-se ponto de partida para essa reflexão mais pessoal. Por isso, consideramos temas mais amplos, interligados, mas que vão muito além da relação sexual em si. Queremos ajudar o paciente a quebrar paradigmas e ampliar a sua compreensão em relação à sexualidade”, destaca Ana Clara.

Casados há 25 anos, o paciente Anderson Valério e sua esposa Ivone romperam os próprios preconceitos com as informações que receberam no Instituto. “A reabilitação física é só parte da qualidade de vida melhor que buscamos, e isso envolve a vida sexual”, acrescenta Anderson. “Nos reencontramos como casal graças às palestras que assistimos. O alívio é grande quando temos as respostas para nossas dúvidas”, conta Ivone.

A abordagem médica promovida no

Grupo SER está sob responsabilidade do médico fisiatra Dr. Fernando Quadros. Para ele, o comprometimento da



O Grupo SER se reúne às quartas-feiras à tarde e envolvem equipe, pacientes, cuidadores e familiares.

parte mecânica-motora – por ser a mais visível – é a que acarreta também mais dificuldade de aceitação e de reinserção social pós-lesão. “A resolução dessas demandas físicas desponta como o principal desejo de recuperação, mas não pode ser o único foco da reabilitação. Por ser a especialidade médica da funcionalidade, a Fisiatria tem esse importante papel de repensar formas adaptadas para retomada de todas as atividades que foram comprometidas por lesões no cérebro ou na medula”, ressalta o médico.

Atualmente, com quase 100% de participação dos pacientes internados no Instituto, o Grupo SER se prepara para realizar a primeira pesquisa de qualidade de vida e satisfação sexual. “Por meio desse estudo, vamos avaliar ganhos e impactos positivos da terapia adicional que estamos aplicando. Com isso, teremos indicadores concretos do quanto é fundamental que o paciente com uma condição crônica de deficiência física ou cognitiva não deixe de ter necessidades normais atendidas. A sexualidade e a prevenção da saúde sexual não podem ficar de fora desse contexto”, finaliza.

Cursos de graduação da FMUSP mantêm atuação nas unidades do Projeto Região Oeste

De 2008 até hoje, a Fundação Faculdade de Medicina estabeleceu contrato de gestão com a Secretaria Municipal de Saúde e responsabilizou-se pela gestão dos estabelecimentos públicos municipais de saúde da Região Oeste da cidade, que integram o Projeto Região Oeste da FMUSP. O contrato se encerrou no fim de 2015 e agora está sendo concluída a transferência das Unidades Básicas de Saúde (UBSs) e de Assistência Médica Ambulatorial (AMAs) para um novo gestor, a SPDM.

Ao longo deste período, a Faculdade de Medicina da USP implementou o conceito de serviço público de saúde como local de ensino, estabelecendo um contato direto entre os alunos de graduação, pós-graduação e especialização e os locais de atenção primária integrantes do PRO. Essa relação não se encerra com o término do contrato de gestão. Os alunos dos cursos de graduação da FMUSP e também de outras unidades que formam profissionais de saúde continuam atuando na base, o que é fundamental para o trabalho de humanização que vem sendo desenvolvido e incorporado aos currículos.

Segundo as Diretrizes Curriculares da Medicina – e também das demais profissões de saúde – a formação do aluno deve ser ampla, sólida, humanista, crítica e reflexiva, promovendo também sua autonomia. Ao sair de um curso de graduação em saúde, o aluno deve estar capacitado a atuar segundo princípios éticos no processo de saúde-doença, nos diferentes níveis de atenção e diferentes cenários, agindo com assertividade diante das mais diversas situações que se apresentam em seu dia-a-dia.

Assim, o aluno pode atuar na promoção, prevenção, recuperação e reabilitação da saúde, gestão em saúde e na perspectiva da integralidade do cuidado em redes de atenção, tendo como princípios

fundamentais a responsabilidade social e o compromisso com a cidadania – essenciais para a promoção da saúde integral do ser humano e sua qualidade de vida.

Experiência transformadora

A presença dos alunos no sistema público de saúde em todos os níveis – primário, secundário e terciário – permite não só que tenham contato com a realidade do país em suas necessidades mais prementes e sua diversidade e desigualdade social, mas também o conhecimento dos processos de gestão inerentes ao Sistema Único de Saúde, para que também se tornem agentes estratégicos do ordenamento público de saúde, conhecendo as necessidades, demandas e representações da população e sendo capazes de propor melhorias de processos e ações contextualizadas e focadas.

A premissa é a de aprender no local de trabalho:

aprender fazendo › refletir sobre o trabalho › reorganizar o trabalho.

O curso de Graduação em Medicina conta com a Disciplina de Atenção Primária à Saúde, uma disciplina transcurricular e interdepartamental que envolve

os Departamentos de Clínica Médica, Pediatria, Ginecologia e Obstetrícia e Medicina Preventiva. A disciplina se desenvolve no 1º, 2º, 6º, 9º e 10º semestres, com uma carga horária de mais 500 horas de atividades teóricas e práticas. Entre os princípios da Disciplina, estão o reconhecimento da doença como um processo social e o Programa Saúde da Família (PSF) como modalidade assistencial e de gestão no Sistema de Saúde. Durante essas atividades, os alunos acompanham os agentes comunitários de saúde do PSF em suas visitas domiciliares, ampliando aos poucos sua participação no planejamento das atividades até chegar aos atendimentos familiares, sob a supervisão dos médicos de família que atuam nas unidades. Também participam do programa os alunos dos cursos de Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da FMUSP, da Escola de Enfermagem da USP e da Faculdade de Odontologia da USP.

Com a transferência total das atividades gerenciais da FFM para a SPDM, passamos a informar neste espaço sobre as atividades de ensino que os alunos da FMUSP continuam a desenvolver nas unidades do Butantã.

Desempenho do PRO em 2015

Descrição		Nº Procedimentos
Estratégia Saúde da Família	Consultas médicas	117.370
	Atendimentos de enfermagem	77.191
	Visitas domiciliares	319.220
Odontologia	Atendimentos	12.471
	Procedimentos	23.593
Exames de imagem	Ultrassonografias	3.186
	Mamografias	492
Assistência Médica Ambulatorial	Atendimentos médicos	163.987
Total		717.510

■ eventos

Agenda de eventos do HCFMUSP no Centro de Convenções Rebouças**JULHO**

5 a 8: Trupe Jeito HC – Núcleo de Gestão de Pessoas HCFMUSP 📍 Cláudia Mayu Konuma (11) 2661-6514 ou claudia.k@hc.fm.usp.br

5 e 12 (e 04 e 18/10/2016): Curso de ética para residentes da FMUSP 📍 Comissão de Ética Médica do HCFMUSP (11) 2661-6165 ou sonia.josefa@hc.fm.usp.br

6 a 9: CINDOR 2016 📍 Meeting Planejamento e Organização de Eventos (11) 3849-0379 ou denise@meetingeventos.com.br

Para divulgar seu curso e também o lançamento de livros, envie um e-mail para polen@poleneditorial.com.br até 60 dias antes do início da programação.

**AGOSTO**

11 a 13: 22º Congresso de Anestesia Regional e Controle da Dor – 3ª Anestesia Regional e Veterinária – Latin American Society of Regional Anesthesia 📍 (11) 94234-5200 ou a.vasconcelos.md@gmail.com

15: Curso de Avaliação e Tratamento Interdisciplinar de Dor – Tratamento Interdisciplinar de Dor da FMUSP 📍 (11) 2661-8014 ou lintyeng@uol.com.br

18 a 20: NEFRO USP 2016 📍 Silvestre Eventos Especiais (11) 5536-5175 ou jositanaka@gmail.com

24 a 26: VIII Encontro Internacional de Hepatologia e III Encontro Internacional de Gastroenterologia – Universidade de São Paulo e Universitat de Barcelona – Silverstre Eventos Especiais 📍 (11) 5536-5175 ou jositanaka@gmail.com

25 e 26: VII Jornada de Infecções Ortopédicas 📍 Marx Assessoria e Eventos (11)98786-2913 ou claudia@maeventos.com.br

IMREA Vila Mariana realiza I Simpósio de Nutrição na Reabilitação Física

No próximo dia 6 de agosto, acontece no Instituto de Medicina Física e Reabilitação (IMREA) do HCFMUSP o I Simpósio de Nutrição na Reabilitação Física - Atualidades na Reabilitação Infantil.

O evento é dedicado a profissionais e estudantes de Nutrição e tem como objetivo discutir a influência da Nutrição nos processos de reabilitação física.

As inscrições podem ser feitas até o dia 31 de julho pelo e-mail cursos.imrea@hc.fm.usp.br. O curso será realizado nas dependências do IMREA Vila Mariana, à Rua Diderot, 43 (próximo ao metrô Chácara Klabin). A inscrição custa R\$ 80,00, mas para seis inscrições conjuntas o valor unitário fica por R\$ 60,00.

Mais informações com Rodrigo ou Wender pelo telefone (11) 5180-7813.

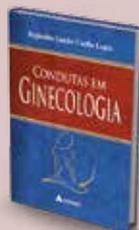
Conheça os novos títulos dos pesquisadores da FMUSP



Medicina Cardiovascular – Reduzindo o Impacto das Doenças

Autores: Kalil & Fuster
Editora: Atheneu

Resultado de estudos de cientistas em importantes centros de pesquisas no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa, o livro visa ampliar conhecimentos sobre a saúde cardiovascular e a prevenção de doenças relacionadas ao coração.



Condutas em Ginecologia Baseadas em Evidências

Autor: Dr. Edmund Chada Baracat
Editora: Atheneu

O livro transmite os conhecimentos adquiridos e praticados na disciplina de Ginecologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – FMUSP, abrangendo as diversas áreas da Ginecologia.



Da Enxada ao Bisturi – Construindo uma vida

Autor: Dr. Belchor Fontes
Editora: CD.G Editora

Nesta biografia inspiradora, o ex-aluno da FMUSP Belchor Fontes narra sua história e sua incrível trajetória para tornar-se médico cirurgião pela Faculdade de Medicina da USP.

Médico por acaso, conquista por esforço

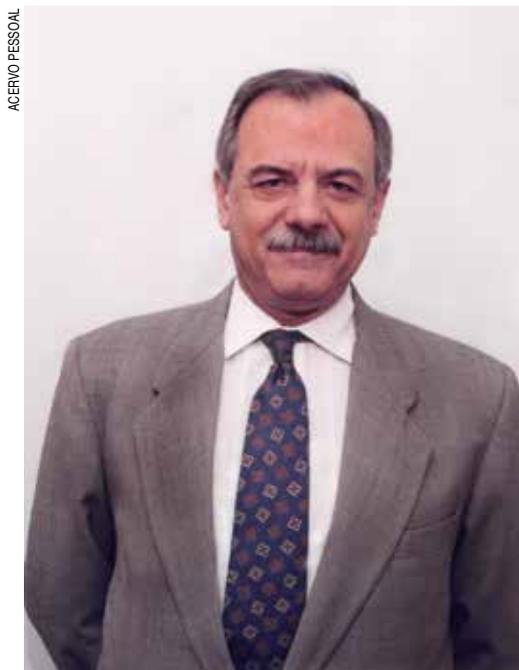
Aos 75 anos, o Prof. Dr. Evandro Rivitti comparece todas as quartas-feiras para discutir casos do Ambulatório de Dermatologia do Hospital das Clínicas da FMUSP (HCFMUSP) com os residentes – simplesmente porque gosta. “É como um voluntariado”, segundo ele. O dermatologista que segue atuando em seu consultório particular conta com despretenção sobre sua notável carreira, mas não disfarça o orgulho ao dizer que acredita ter alcançado tudo que um médico poderia alcançar.

De família italiana tradicional da Mooca, teve como pai um homem que, mesmo levando uma vida extremamente simples como almoxarife, não permitiu que o filho trabalhasse, pois apostava na ascensão por meio da educação. O Prof. Dr. Rivitti cursou, portanto, um dos melhores colégios do Estado e, como se interessava por biologia, acreditou que poderia enveredar para a medicina. “Essa associação da adolescência não faz sentido nenhum”, diz o médico, que acabou apaixonado pela profissão.

Ele confessa que não gostou do primeiro ano de faculdade e quase chegou a desistir. Em sua lembrança, as aulas eram muito áridas e cansativas. E cai na risada ao lembrar de um colega que, após o término de uma aula de parasitologia em que passaram horas pesquisando vermes nas fezes, disse que nunca mais voltaria para a Faculdade. Ele conta que perguntou ao amigo: “Você tá brincando? Por que não saiu antes da aula e ficou atuando essa desgraça?”. Para ele, a expectativa dos alunos é muito alta, então é difícil levar adiante os primeiros anos.

A descoberta da medicina

O deslumbre pela medicina veio durante a residência que fazia em Clínica Médica, quando passou pela área de Dermatologia. Foi nesse momento que ele e mais um colega resolveram mudar de especialização, e recorreram ao então professor titular da disciplina, Prof. Dr.



Prof. Dr. Evandro Rivitti

Sebastião Sampaio. Após realizarem um teste, foram aprovados e se formaram dermatologistas. Mas, o que Prof. Dr. Rivitti não sabia, era que sucederia o Prof. Dr. Sampaio como professor titular anos depois.

Após a residência, ainda sentia-se despreparado para atuar como dermatologista, então prestou um concurso para atuar como assistente do Prof. Dr. Sampaio e, mais uma vez, ingressou. A ele foi atribuído o cargo de preceptor, e foi aí que percebeu que seguiria a área acadêmica. Daí em diante, realizou o doutorado e a livre docência, até prestar concurso para professor adjunto da USP e, depois, chegar ao cargo de professor titular.

“Neste ano, completamos 100 anos desde a primeira aula de Dermatologia, dada pelo professor Adolfo Lindenberg”, conta. Nesse centenário, ele foi o quinto a assumir o posto, e lá ficou por 21 anos. Ele diz que tem muito amor por lecionar e pelo contato diário com os estudantes, pois assim o médico sempre está em renovação e atrás de estudar para acom-

panhar as novidades trazidas pelos novatos.

Dentre suas maiores contribuições, o Prof. Dr. Rivitti cita o Grupo Cooperativo de Estudo do Fogo Selvagem, tema de sua tese de doutorado. Após realizar a pesquisa acadêmica na área, um colega peruano radicado nos Estados Unidos veio ao Brasil para pesquisar a doença com ele, e os dois, junto ao grupo de pesquisa, estão chegando perto de provar a causa dessa doença imunológica que causou diversos transtornos durante décadas.

A medicina trouxe emoções demais à vida do médico, que se comove ao lembrar da época da residência em Clínica Médica, quando passou pela área de pediatria e acompa-

nhou quadros muito graves de crianças que lutavam pela vida. Mas fica satisfeito com a quantidade muito maior de vidas que foram salvas por ele e outros colegas. Por essa razão, aposta em melhorar o acesso à Dermatologia, pois conta que há poucos profissionais na área pública, que remunera muito mal os médicos. “Hoje em dia, a visão geral da dermatologia está corrompida, pois é associada imediatamente à cosmetologia e estética. São áreas legítimas, mas ninguém sabe que existem vinte leitos ocupados no Hospital das Clínicas por pacientes em estado grave ou gravíssimo por doenças dermatológicas.”

Apassionado pelo São Paulo Futebol Clube, o médico tem como hobby a literatura, e diz sentir-se completo profissionalmente e feliz por ter constituído uma família com três filhos, mas confessa sentir um pouco da falta de tempo que a medicina trouxe. “Eu queria ler mais. A medicina é um pouco absorvente, mas repito: conquistei tudo o que queria como médico.”

Museu da FMUSP prepara exposição “A pele enferma”, com peças históricas em cera

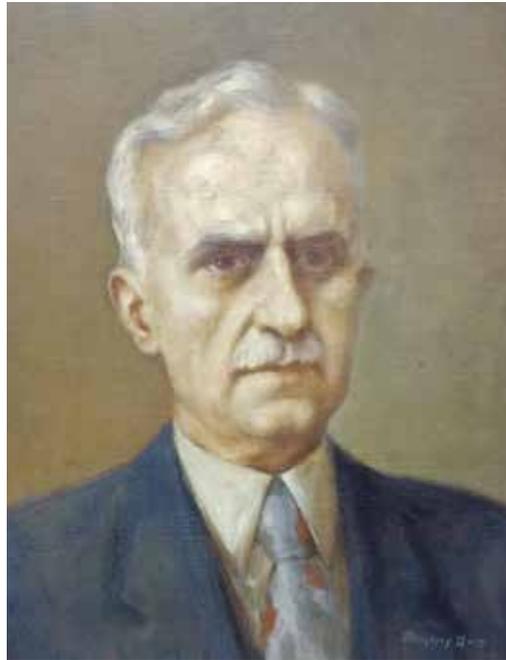
O Museu Histórico “Prof. Carlos da Silva Lacaz”, da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP), está finalizando os preparativos para sua nova exposição: “A pele enferma – Augusto Esteves e seu Museu de Cera”. A exposição apresenta uma coleção de partes do corpo humano modeladas em cera, produzidas entre as décadas de 1930 e 1950, pelo artista plástico Augusto Esteves (1891-1966).

Esteves começou sua trajetória artística ligada à anatomia e à modelagem em cera em 1912, quando foi contratado por Vital Brazil para trabalhar no Instituto Butantan. Lá, modelou serpentes e desenvolveu gravuras para livros. Mais tarde, casou-se com a filha de Brazil, Alvarina, com quem teve seis filhas.

O artista plástico também trabalhou na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e no Instituto Pinheiros, até ser contratado pela FMUSP, em 1936, pelos professores João de Aguiar Pupo (1890-1980) e Flamínio Fávero (1895-1982), responsáveis, respectivamente, pelas Cátedras de Dermatologia e Sifilografia e de Medicina Legal.

Arte a serviço da Medicina

Em seu trabalho na FMUSP, Esteves foi auxiliar técnico da Clínica Dermatológica e produziu 259 peças em cera a partir de moldes de pacientes do HCFMUSP. As peças reproduzem as



O artista plástico Augusto Esteves foi o responsável pela criação das centenas de peças em cera que farão parte da exposição do Museu Histórico da FMUSP

enfermidades e serviam para auxiliar os alunos no estudo de doenças de pele e sífilis.

Esteves também trabalhou no Instituto Oscar Freire (IOF), junto à Cátedra de Medicina Legal, onde produziu cerca de 90 peças representando hímens, esgorjamentos, lesões por armas brancas ou de fogo, cicatrizes e acidentes de trabalho utilizadas nas aulas de Medicina Legal.

Ele produziu ainda 21 peças representando a doença autoimune conhe-

cida como “fogo selvagem”, hoje sob a guarda do Museu Emílio Ribas, em São Paulo, especialidade do Prof. Dr. Evandro Rivitti (leia a entrevista na página 15).

A exposição se concentra, porém, nas peças ligadas à área de dermatologia, que foram restauradas pelo Museu e poderão ser visitadas a partir do início de setembro, de segunda a sexta-feira, das 9h às 12h e das 13h às 16h.

A viabilização da exposição foi possível graças ao Programa de Ação Cultural (ProAC) da Secretaria de Estado da Cultura, que contemplou a proposta enviada pelo Museu Histórico.

A visitação é gratuita e aberta ao público. Só é necessário agendamento prévio para grupos escolares. Para mais informações, ligue (11) 3061-7249 ou acesse www.fm.usp.br/museu.

Exposição

“A pele enferma: Augusto Esteves e seu Museu de Cera” no Museu Histórico “Prof. Carlos da Silva Lacaz” da FMUSP, a partir de setembro, das 9h às 12h e das 13h às 16h.

